

BRINCANDO, IMAGINANDO E CRIANDO E RECRIANDO: RECORTES NARRATIVOS EM UM CONTEXTO AMAZÔNICO

**LIMA, Maria Nazaré Teles de
SOUZA, Francisca das Chagas Martins de**

Resumo: O indivíduo, ao criar essas imagens, mergulha em um processo mágico, misterioso, embora totalmente intencional. Ao trabalhar as narrativas infantis, em sala de aula, o professor precisa perceber que a essência dessas histórias se encontra na abstração de conceitos formadores de caráter, não podendo esquecer que a formação moral infantil acontece, exatamente, quando a criança é capaz de refletir sobre essas próprias histórias, identificando as personagens através de suas respectivas atitudes, além de fazer uma ponte reflexiva entre o seu modo próprio de pensar e o seu agir no mundo real. Buscando-se compreender como a criança ribeirinha torna-se parte desse espaço, incorporando-o a tudo que ela compreende como mundo, com estudo aqui proposto, pretendeu-se apresentar, através da observação e do registro das narrativas infantis, o significado das brincadeiras, a importância da cultura local no desenvolvimento infantil, e a compreensão de mundo dessas crianças a partir de seu imaginário e o dia a dia ribeirinho. Os pressupostos teóricos estão embasados em educadores e pesquisadores que compreendem as brincadeiras infantis como uma preparação para o mundo adulto.

Palavras-chave: Brincar, criança ribeirinha, rio, floresta, escola.

INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos numa sociedade em que formas e fôrmas se confundem; onde a teoria não está ainda bem compreendida como um pensamento que só pode ser totalmente elaborado e processado após ser concretizado, e que a prática somente pode ser aceita como um relevante fazer se

estiver pautada numa idéia que, a priori, compromete-se com a reflexão dessa praticidade e, conseqüentemente, com sua própria reformulação.

Talvez, por conta dessa confusão de valores e conceitos, o termo *brincar* esteja diretamente associado à idéia de passar o tempo, relaxar, ou mesmo perder tempo. E é exatamente nessa falsa compreensão que reside e se baseia a incredulidade da importância desse fazer. Pois, ao se conceber o ato de brincar apenas a crianças, estar-se negando essa atividade como um ato natural do ser humano, forma de expressão capaz de ser experimentada em qualquer fase da vida humana.

Faz-se necessário perceber que o brincar é a forma lúdica da criança aprender o mundo, além de ser uma atividade prazerosa de apresentar ao mundo o que dele apreendeu. É estabelecer relações com sua compreensão do seu eu e a realidade circundante.

O brincar, então, incorpora fazeres que estão literalmente relacionados com o prazer, porque dessa forma é que assim se caracteriza. Brincar significa, então, utilizar-se de uma linguagem lúdica, seja esta na modalidade do desenho, pintura, casinha, jogos, teatro ou dança. Entretanto, é bom que se esclareça que isso não quer dizer que o brincar não seja uma coisa séria para a criança. É o que ela sabe fazer de melhor. Brincar é uma necessidade orgânica infantil, e quem não aceitar é imediatamente excluído de seu processo.

Por isso mesmo, feliz do professor que viaja com seus alunos num conto de fadas, que ao cantar com eles incorpora o espírito da juventude e então pula para frente e para trás, faz caretas, remexe aqui e acolá, deixa a voz sair solta sem sentir vergonha de permitir-se experimentar o prazer de assim estar.

Então, se dessa forma se torna mais fácil, por que a maioria de nossos professores persiste numa prática pedagógica baseada na tortura e na falta de afeto? Talvez, porque sejam crias do desamor; porque tatuaram o revanchismo em seus tristes corações; porque se deixaram abater pela mesmice, pelas salas de aulas abafadas, pelos baixos salários; ou, quem sabe, inseguros no seu fazer, resolveram adotar a “pedagogia do morto-vivo”.

Para os que não sabem, a pedagogia do morto-vivo é aquela em que o professor se torna literalmente o algoz dos alunos, suas vítimas, matando-lhes a vontade de aprender e de participar, negando-lhes ainda a oportunidade de serem criativos, independentes, seguros e, por que não dizer, vivos. Sim, vivos porque viver não é apenas respirar e andar por aí. Significa mais que isso. É respirar sentindo no peito a sensação de estar compreendendo a realidade que está diluída no ar, no mundo o qual faz parte; é caminhar reconhecendo os atalhos, os jardins, as estradas, pedregosas ou não, e poder opinar em qual e como andar. É, em outras palavras, perceber que ser diferente não é feio; que a boniteza da vida reside principalmente em se saber que todos temos o igual direito de sermos não desiguais, mas, simplesmente, diferentes uns dos outros.

E é exatamente nesse sentido que se pode dizer que brincar com um pedaço de papel, pequeno que seja, dar-lhe uma outra forma que não aquela outrora apenas plana, dar-lhe vida através da imaginação, rabiscá-la com o sabor da poesia, é, maravilhosamente, invadir a tridimensionalidade da coragem do dispor-se *a fazer, saber fazer e gostar de fazer*, para, finalmente, poder sentir-se ousando, transformando, aprendendo, contribuindo, crescendo, brincando. Pois, se alguém que escolheu a profissão de professor ainda não saboreou esse prazer pedagógico, com toda certeza ainda não sabe compreender o verdadeiro sentido da boniteza da vida.

Todos nós necessitamos de pelo menos um momento de descontração; um momento em que possamos nos sentir inteiramente desarmados; afinal de contas não estamos mais no século XVI onde o riso era considerado um ato pecaminoso, e acreditar no que não se compreendia era ato de fé.

Dessa forma, necessário se faz compreender que o brincar não tem nada de profano; não se caracteriza como um fenômeno sobrenatural, misterioso e sem importância. Muito pelo contrário. Através das brincadeiras, as crianças despertam o imaginário, sonham com uma realidade criada a partir do que compreendem, construindo regras e resolvendo seus conflitos de forma fantasticamente prática e simples.

DESENVOLVIMENTO

A região amazônica, especificamente no baixo Rio Negro, sempre será percebida como um cenário estimulante para o imaginário daqueles que aprenderam a viver de forma harmoniosa com o rio e a floresta. É um espaço no qual a fantasia e o devaneio são elementos intrínsecos e necessários à construção da cultura e da realidade desse povo.

Nesse sentido, buscando-se compreender como a criança ribeirinha torna-se parte desse espaço, incorporando-o a tudo que ela compreende como mundo, com o estudo aqui proposto, pretendeu-se apresentar, através da observação e do registro das narrativas infantis, o significado das brincadeiras, a importância da cultura local no desenvolvimento infantil, e a compreensão de mundo dessas crianças a partir de seu imaginário e o dia a dia ribeirinho.

No decorrer do processo investigativo, as narrativas se apresentaram como grande instrumento dessa pesquisa, apresentando-se como um caminho metodológico capaz de permitir uma ponte entre o investigador e o investigado, na qual o auto narrador pôde, livremente, expressar a compreensão que tem do mundo e de si, enquanto sujeito capaz de interpretar e transformar sua própria história.

A abordagem dos depoimentos orais e sua inclusão como fonte de pesquisa baseou-se na afirmação de Garrido (1993), quando explica que “é [...] necessário implantar, colocar em prática, um método particular que permita obter o máximo de informação, o mais confiável possível”.

Para Cunha (1997), as narrativas, quando se apresentam com fins investigativos, geralmente, são usadas como instrumento para coleta de dados; sendo, portanto, reforçada pelo pesquisador, quando este legitima o papel do sujeito enquanto ser capaz de produzir conhecimento.

Pois, através das narrativas o ser humano conta histórias, expõe seus sentimentos, emoções, sentimentos e, principalmente, deixa transparecer suas experiências. Para o autor, todos esses dados apresentam-se, sobretudo, como fonte inesgotável de informação.

Nesse sentido, os relatos das crianças ofereceram um cabedal de informações, deixando revelar, através de suas narrativas, a forma pela qual magicamente aprendem e apreendem como lidar com seus medos, sua vontade em vencer os desafios enfrentados no cotidiano ribeirinho, e a impressão de que os mistérios da floresta e das águas negras do rio contribuem para o despertar de seu imaginário.

A ludicidade no dia adia

Distante da influência dos filmes ou dos desenhos animados dos mais diversos, a infância dessas crianças acontece livre da influência da mídia. A luz elétrica ainda, infelizmente, é algo utópico. O brilho presente em suas casas, durante a noite, advém de tênues e parcas lamparinas.

As crianças do povo das águas negras jamais ouviram falar no He Man, no Esqueleto¹ ou mesmo no minotauro². Suas personagens encantadas são as sereias, os botos, os sacis, a matinta e a mula sem cabeça.

E justamente por conta dessa compreensão de seu cotidiano que reconhecemos que a imaginação humana é ilimitada e, através dela, a criança embarca num veleiro de fantasias e realidades, onde as águas nas quais flutuam seu imaginário dançam num banzear puramente amazônico. É um momento mágico.

É um momento lúdico.

[...] A imaginação parece possuir vontade própria, autonomia, incontrolada, indeterminada exaurível. A vontade e a racionalidade humanas conseguem conhecer grandes mistérios do universo, domina forças da natureza, controlar leis da física, superar limitações, [...], superar distâncias geográficas, disciplinar sociedades [...]. Já que ela não pode ser controlada, determinada, explicada, optou-se pelo recurso de relegá-la ao mundo da ficção, do irreal, da alucinação existente. (RUIZ, 2013).

¹ Antigos personagens de histórias infantis apresentadas na televisão.

² Personagem da mitologia grega, filho do Rei Mino, que tinha o corpo de homem e a cabeça de touro.

Nesse sentido, a criança constrói seu mundo e cria seu momento lúdico livre de convenções, mas jamais de forma solitária. Pois, a brincadeira para a criança do povo das águas negras é um acontecer coletivo. A individualidade é inexistente, haja vista que a floresta, o rio, os outros e os elementos da natureza sempre se encontram presentes.

Segunda Borba (2006),

A imaginação construtiva do brincar e do processo de humanização dos homens, é um importante processo psicológico, iniciado na infância, que permite soa sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo. Combinada com uma ação performista, construída os gestos, movimentos, vozes, formas de dizer, roupas, cenários, etc.; a imaginação estabelece o plano de brincar, do fazer de conta, da criação de uma realidade “fingida”.

A mata se torna um espaço convidativo para as brincadeiras, mas, geralmente, as crianças a temem. Pois o ataque de alguns animais é uma possibilidade, infelizmente, constante.

Então, as árvores nas beiradas dos barrancos e próximas do pequeno povoado se transformam fácil e rapidamente em verdadeiras “montanhas a serem escaladas” e divertidos trampolins, quando estão participando das brincadeiras molhadas.

Nesses momentos, o mundo real não existe e nem tem importância. A brincadeira é fazer de conta que o perigo não existe e que só a felicidade é possível.

No compreender de Fortuna (2008),

No mundo do faz de conta, um outro senso da realidade é experimentado, impulsionando a confiança na possibilidade de transformação da realidade, marcada por novo imaginário, novos princípios e novos valores gerados na solidariedade, ousadia e autonomia que as atividades lúdicas podem comportar. Isso é consequência da interação social plasmada no brincar, que nos lança em direção ao outro, e nesse enlace recordamos o étimo da palavra brincar: vinculam, no latim- constitui-nos como sujeitos. Brincando, reconhecemos o outro na sua diferença e na sua singularidade e as trocas inter-humanas aí partilhadas podem lastrear o combate ao individualismo e ao narcisismo, tão abundantes na nossa época, restituindo-nos o senso de pertencimento igualitário. Não é à toa que justo a brincadeira em tempos tão hostis, pode contribuir para trazer para a realidade a utopia de um mundo melhor, no qual todos estejam incluídos [...].

Para essas crianças o rio é o melhor lugar para se brincar, para ser feliz e socializar. Para elas não existe o cansaço durante a brincadeira.

Por isso, sobem nas árvores e pulam nas águas escuras do rio quantas vezes for possível. O subir é a busca pela satisfação do pular; e o pular é o pré-prazer. Pois este somente acontece quando ela mergulha e sente a sensação de estar “vencendo” o rio.

[...] o modo próprio do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transmitem entre os planos da imaginação e d fantasia explorando suas contradições e possibilidades. Assim, o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos de cognição e das interações sociais, o que certamente tem consequências na aquisição de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal. (RODRIGUES, 2009).

Assim, durante o período da cheia, o barranco, tão conhecido e explorado pelas crianças, sucumbi e as águas escuras adentra o verde da mata.

O futebol é jogado nos pátios de madeira de suas casas flutuantes. O espaço é pequeno, mas, para a criança do povo das águas negras, é um espaço fabuloso e convidativo ao prazer. Às vezes, parece ao espectador que o som advindo do pequeno “campo” é como se as tábuas sobre as toras explodissem num sorriso, ao sentir os pequenos pés à procura da bola. E quando a bola sai de campo, nenhuma delas se recusa a ir buscá-la. Afinal, é mais um motivo para um mergulho no negro rio.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquela que brinca tinha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. [...]. (RCNEI, 2002).

Quando o dia cansa e a noite chega, é hora de despedir-se do rio.

A escuridão rapidamente domina o “mundo” e o povo das águas tenta proteger-se dos males da noite. Afinal, é o momento dos que não são humanos

andarem na mata e levar para ela os que teimam em não respeitar o pacto, invisível, que homem e natureza assinaram desde o início dos tempos.

Para Durand (1965), “o imaginário é a realidade última na qual o conhecimento humano vem a decifrar os Imperativos do Ser. Sobre ela se ordenam – consciente ou inconsciente – todas as obras, as atitudes e as opiniões humanas”.

Assim, o povo das águas acredita que a floresta, à noite, liberta os que permaneceram calados durante todo o dia, como se temessem a presença do homem e a luz, e permite que, de quando em quando, emitam sons que, no devaneio infantil, conseguem eriçar os pelos dos braços e da nuca de qualquer criança.

O rio, assim, por sua vez, como a acariciar o sono de seu povo, embala as pequenas moradias agitando-se, por vezes, ao sentir uma ou outra embarcação solitária cortar suas negras e misteriosas águas.

Tecendo o imaginário através de narrativas

Observou-se, durante as idas à escola que, em sala de aula, a professora, uma vez na semana, pegava um livro de história e a contava, em voz alta.

A princípio, segundo ela, suas preferidas eram aquelas que possivelmente qualquer um nas grandes cidades costuma ouvir, quando pequenos.

Mas, com o tempo, embora percebesse que as crianças a ouvissem em silêncio e atenção, notou que não comentavam a narrativa e tampouco se envolviam magicamente na história. Foi quando reconheceu, finalmente, que o texto jamais iria fazer sentido se não fizesse relação com o contexto.

Segundo sua compreensão e reflexão, nada faria sentido se somente sua voz fosse a única a ser ouvida. Compreendeu que, se quisesse ser realmente ouvida, precisaria saber, primeiramente, ouvir e motivar outras vozes.

[...] quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. [...] o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem falando, cala para escutar quem, silencioso, e não silenciado, fala. (FREIRE, 2009).

Assim, a partir daí, a professora mudou seu repertório e passou a contar as histórias que realmente, em seu entender, poderiam fazer a diferença para aquelas crianças. A branca de Neve deu lugar para o boto, o lobo mal se perdeu em suas memórias quando os feitos e efeitos da "mula sem cabeça"³ foram comentados por todos em sala de aula.

[...] o conhecimento prévio do aluno é decisivo para que a aprendizagem seja significativa. Quando o novo material de aprendizagem é incorporado, armazenado à estrutura cognitiva do educando de forma literal, arbitrária e sem significado, a aprendizagem mecânica ou automática. Esse tipo de aprendizagem mecânica ocorre quando o novo conhecimento é apresentado ao educando, e ele, por diversos motivos, não o relaciona a outros conhecimentos relevantes existentes em sua estrutura cognitiva e simplesmente o incorpora em sua estrutura cognitiva e simplesmente o incorpora em sua estrutura cognitiva de forma arbitrária, não substantiva. (SANTANA; CARLOS, 2013).

Em dois meses, não precisou mais dos antigos livros de literatura que, para eles, não faziam sentido. Nos dias marcados para a contagem de história, ela simplesmente apenas começava a narrativa.

Prado (1984), ao demonstrar interesse pelos aspectos positivos e benéficos no que diz respeito às questões pedagógicas das narrativas, afirma que estas se apresentam como verdadeiros condutores capazes de produzir as representações relativas ao sentido que o ser humano organiza, partindo do real. Pois é nas narrativas que o sujeito pode encontrar explicações dos fenômenos que, naturalmente, no mundo real, não pode ser encontrado.

Nesse contexto, a interação, em sala de aula, ficou tão positiva que as crianças a interpelavam, nessas ocasiões, sugeriam outros finais, associavam a história a exemplos do dia a dia e, espontaneamente, passaram a criar novas histórias.

Então, em sua sala de aula, literalmente, começou a compreender que a palavra, mais que ser dita, precisa ser escutada.

³ Personagem do folclore brasileiro que tem corpo de cavalo, mas sem cabeça. Reza a lenda que é a toda mulher que tiver relações sexuais com um padre ou com outro homem que não seja seu marido, vira uma mula.

[...] necessário é *saber escutar*. Se, na verdade, o sonho que nos anima, é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é que aprendemos a *falar com eles*. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2009).

Comprometer-se com o ato de escutar, portanto, não é pura e simplesmente calar-se. Mas envolver-se com a escuta e com quem está falando.

O ato pedagógico é um incessante ato de reflexão e ação. Refletir a palavra ouvida; praticar e reformar a prática a partir da reflexão da palavra dita.

Segundo Freire (1996),

O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que ter a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

O acontecer educativo é uma imensa teia na qual cada pequena ramificação é uma estrada, uma vida, uma experiência, uma história a ser contada e ouvida.

E, a cada ponto entre essas ramificações, é necessário que haja um momento em que se perceba que para cada um há o momento de ser aquele que escuta e aquele que fala.

E foi essa a realidade encontrada e observada. Durante a permanência do pesquisador na sala de aula, a participação dessas crianças apresentou-se bastante satisfatória e a interação com a professora constituía-se em clima amigável e lúdico.

Assim, as crianças do povo das águas negras, em momentos de contagem de histórias, narraram:

Criança 1 (9 anos): "A senhora sabe o que é o caboquinho da mata? Espécie de bicho menino, todo peludo. Deve ter aproximadamente 60 cm de altura, anda como gente e seu pelo é todo branquinho. Quando aparece, encanta

quem está por perto e leva para o meio da floresta, mata e come. Algumas pessoas da comunidade chegaram a ver, mas antes que fossem encantadas, mataram a criatura e enterraram lá mesmo na mata, para ninguém mais ver".

Criança 2 (8 anos): "Uma vez, eu não queria ir pra escola e menti pra mamãe dizendo que estava com dor de barriga. Ela acreditou e eu não fui. Meus irmãos foram, mas eu não. Na hora eu não lembrei, mas a mamãe sempre fala que quando a gente mente pra nossa mãe e nosso pai, o "caboquinho da mata" vem buscar a gente. De noite, eu não parava de lembrar disso. Quando nós fomos dormir, eu notei que tinha alguém embaixo da minha rede, encostando a cabeça nas minhas costas. durante toda a noite eu não me mexi. os mosquitos me picaram toda, mas eu não me mexi nem para pegar o lençol pra me cobrir. Eu estava com uma vontade enorme de fazer xixi. Mas estava morrendo de medo que o caboquinho visse que eu estava acordada e me levasse com ele. De manhã, eu vi todo mundo se levantar. Eu pensei: Meu Deus, ninguém vê o caboquinho embaixo da minha rede? Até que eu abri os olhos e vi a mamãe me balançar pra eu acordar. Eu disse que não podia, pois o caboquinho estava embaixo da minha rede com a cabeça encostada na minha costa. Então, a minha mãe disse que não tinha ninguém ali e que eu havia dormido em cima do meu lençol embolado, e me tirou da rede. Eu sei que ela inventou isso para eu não chorar. Sei que ela me salvou espantando o caboquinho. As mães têm o poder de salvar os filhos dessas coisas".

As narrativas de Adriano e Maria Júlia deixam evidente uma forma tradicional do educarem as crianças, estruturada no senso comum dos pais, na qual perdura a compreensão de que a obediência aos mais velhos, e o significado da verdade e do respeito à autoridade pode ser ensinado através da inculcação do medo pela consequência da atitude não considerada correta.

"O mundo de referência entendido como real é o mundo da narração e pode ser analisado em estados temporais diferentes, é o mundo das crenças, esperanças, opiniões de uma dada personagem num dado estado da história". (ECO, 1989).

Nesse processo, a criança consegue discernir certos valores e, mesmo sem ter consciência do processo, acaba refletindo sobre sua ação estabelecendo significativamente a diferença entre o certo e o errado, além de, paralelamente, conseguir identificar, em sua noção infantil, porém não ingênua, que ao fazer algo, que aprendeu como atitude errada, sofrerá uma consequência imediata.

De acordo com Hoffmam (1960), os pais, às vezes, lançam mão da disciplina indutiva na tentativa de operacionalizar mudanças comportamentais de seus filhos.

Esse processo diz respeito à comunicação dos pais, às crianças, da satisfação que teriam se essas pudessem modificar suas atitudes. Para tanto, induzem-nas a manter obediência através do direcionamento da atenção das mesmas para possíveis consequências de suas atitudes.

Para Ressurreição (2005), “[...] a fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas”.

Assim, na busca por soluções para esses conflitos, surgem as figuras mágicas no mundo infantil, como uma forma de ajudar a criança a compreender determinadas situações as quais, somente com os elementos do real, ela não seria capaz de assimilar e de colocar-se nelas.

Criança 3 (12 anos): "Eu sempre tive medo de jacaré. Mas eu quero dizer que além dele, eu também já ouvi falar de muitas histórias sobre a cobra grande. Dizem que ela tem um chifre no meio da cabeça e que dorme um sono profundo. Mas quando chove, ela aparece e procura gente ou animal pra comer. Por isso, não é bom ficar brincando na água quando está chovendo; pois os bichos que moram no fundo das águas sobem para apreciar a chuva".

Conforme se observou e anteriormente fez-se referência, os pais costumam passar muito tempo nas atividades do roçado e pesca, não dispendo, assim, de tempo no tocante à prontidão das crianças.

Para tanto, procuram, através de histórias, aprendidas ainda quando crianças, repassar a seus filhos, despertando o medo pelo desconhecido, na

tentativa de se fazerem obedecer e afastar as crianças do possível perigo, quando não estiverem por perto.

As memórias coexistem de fato em nova cultura [...] justapondo, integrando ou lutando, numa "rede de mosaico" conceitual, aspectos de distintas e contraditórias expressões na prática e nas representações dos indivíduos e grupos. Na transmissão de geração á geração, a construção que o presente faz do passado passa a ser importante na medida em que a memória, considerada em sentido plural, é a expressão do sentimento e de um modo de compreender e de se relacionar no mundo. (MORAES, 2000).

Dessa forma, o sentimento e o reconhecimento da não proteção os fazem seguir a mesma educação que, quando pequenos, receberam de seus pais. Pois em sua compreensão de senso comum, acreditam que se deu certo com eles, também dará com seus filhos e os filhos de seus filhos.

Criança 4 (9 anos): "Quero falar do curupira. Todo mundo sabe que de vez em quando ele aparece, quando as mães deixam seus filhos dormindo nas redes. O curupira aparece sem ser visto pelas mães, leva as crianças para a mata, bate muito nelas e deixa elas amarradas num tronco. Mas isso só acontece quando as mães esquecem dos filhos e eles são desobedientes. Eu nunca vi porque eu obedeco a minha mãe".

Criança 5 (12 anos): "Tem coisa que a gente que é criança nunca viu, mas a gente sabe que existe. Nem tudo a gente tem que ver. Meu avô diz que é melhor assim. Deus é quem sabe. Na floresta tem muita coisa que existe, mas nunca ninguém viu e se viu ficou doido. A mata faz isso que é pra ele não contar nada pra ninguém. O matim é um pássaro que espanta as pessoas quando elas assoviam na floresta. Mas o matim é invisível".

Criança 6 (12 anos): "Uma das piores coisas na mata, ou pra quem mora perto dela, é a jaraba. A jaraba é uma espécie de caba gigante, do tamanho de um pássaro. Aparece, fazendo um barulho danado, quando as pessoas queimam algo e o cheiro se espalha. A jaraba é muito rápida e ataca quem fez a queimada e estraçalha o coração".

Os contos populares exprimem geralmente uma tendenciosidade ao encantamento, no qual são estruturados em situações onde a magia pode

provocar algo não humanamente explicável, mas que pode ser simplesmente explicado pelo sobrenatural.

Criança 7 (12 anos): "Aqui as meninas quando deixam de ser criança têm que tomar muito cuidado "naqueles dias". elas não podem tomar banho na beira do rio; pois o boto pode descobrir. Ele fica de longe, olhando e sentindo o cheiro da menina que se espalha na água. Aí, ele marca a casa e, à noite, avisa a lua para ela não aparecer. Na escuridão, ele sai da água e se transforma num rapaz muito bonito. Com um assovio encantado, que só a encantada consegue ouvir, ele encanta a menina e leva ela para as águas. Mais tarde, antes de amanhecer, ele deixa ela voltar pra casa. Depois de nove meses, ela tem um filho do boto. Ninguém comenta nada, pois sabe que é um filho de boto. Mas a criança não parece com boto. É gente como a gente. Meu avô disse que sempre foi assim e que quando ele era criança, uma criança filha de boto morava perto da roça dele. Era uma garota. A mãe dela não deixava nunca ela tomar banho no rio, pois tinha medo que o pai, o boto, viesse buscar a filha".

Criança 8 (10 anos): "Eu tenho um tio que foi encantado pela Mãe da mata. O nome dele é tio Marino. Era irmão da minha mãe. Agora minha mãe diz que não é mais, porque ele virou escravo da mãe da mata. Ele foi encantado. Isso aconteceu porque ele teimou e não respeitou o dia santo. Todo mundo falou pra ele não ir caçar; pois todo mundo sabe que dia santo não é dia de caça. Tem que ficar em casa. Mas ele teimou e foi assim mesmo. Como ele estava demorando pra voltar, meu pai e meus tios foram atrás dele. Avistaram ele correndo pelado. Estava com os olhos esbugalhados e todo lapeado pelo corpo. Tentaram segurar ele, mas ninguém conseguiu. Ele gritava feito um bicho louco. Desapareceu na mata. Nunca mais saiu de lá. Dizem que, às vezes, algumas pessoas avistam ele correndo por perto do rio. gritam o nome dele, mas ele já esqueceu. Porque ele não respeitou a mata, ficou encantado pra sempre".

Criança 9 (7 anos): "A mamãe fala que a gente tem que obedecer aos mais velhos e respeitar a natureza. Ela contou que quando ela era pequena, a filha da vizinha viu a sandália emborcada na entrada da casa, e não foi lá desembarcar porque estava com preguiça. No outro dia, o pai dela caiu de uma árvore e

morreu. Quando a gente ver uma sandália emborcada, tem que parar o que está fazendo e desemborcar a sandália. Se a gente não fizer isso, no outro dia, o pai ou a mãe da gente pode morrer".

Criança 10 (11 anos): "Meu avô sempre fala que a gente não pode maltratar os animais. Seja qual for. Ele sempre disse que o irmão dele, quando era vivo, era muito malvado com bichinhos pequenos. Só vivia apanhando da mãe, por causa disso. Certo dia, a natureza deu uma lição nele. O vovô contou que, numa noite, o irmão dele passou o tempo todo tendo pesadelos e gritava de vez em quando, mas não conseguia acordar. passou a noite num aperreio só. Quando amanheceu, meu avô levantou e pegou a caixa de fósforos para acender a lamparina, pois ainda estava um pouco escuro. Mas, mal abriu a caixinha, tomou um susto danado. De lá de dentro, pulou longe um pequeno gafanhoto. É que antes de dormir, o malvado do irmão dele havia prendido o bichinho na caixa e o esqueceu de soltar. Meu avô disse que mal o gafanhoto se libertou, o irmão dele acordou assustado. Ao levantar, abraçou o meu avô e disse: "mano, você me salvou. Passei a noite toda sonhando que estava preso em um quarto muito escuro e com pouco ar para respirar. Fazia tudo para sair, mas não conseguia. Eu chorava e gritava, mas a mamãe e nenhum de vocês me ouvia. Quando eu pensei que estava no fim, você conseguiu abrir a porta e me salvar". Meu avô, então, lembrou do gafanhoto e contou pra ele, dizendo que a natureza quis dar uma lição nele, fazendo ele passar pelo o que o gafanhoto estava passando. Nunca mais ele malinou⁴ de bicho nenhum. Meu avô me disse que os bichinhos que voam são os nossos espíritos e devem, por isso, viver soltos, voando".

Criança 11 (8 anos): Eu tenho muito medo do escuro da mata. Meu tio diz que ela (a mata) não gosta de barulho que não seja dela. Por isso, quando a gente tiver que caminhar pela floresta, é preciso falar baixo e não rir alto. O barulho pode acordar a "mãe da mata". E se ela encantar a gente, nunca mais que a gente encontra o caminho de volta".

Criança 12 (12 anos): "Eu nunca vi uma sereia, graças a Deus. Mas todo mundo aqui sabe que elas existem. São mulheres com rabo de peixe. Dizem que

⁴ Infringiu qualquer tipo de dor ou mal estar a alguém.

são muito bonitas e aparecem para os pescadores que pescam mais peixe do que precisam e que matam, por malvadeza, os botos. Depois de serem encantados, eles se jogam no rio e nunca mais boiam. Apenas a canoa é encontrada vagando; sem nenhum peixe".

Criança 13 (9 anos): "A mamãe disse que a natureza ensina e castiga a gente. Depende como é a nossa vida. Mamãe conta que existia um garotinho que não gostava de escovar os dentes. Ele mentia dizendo que escova, mas não escovava. Com o tempo, os dentes dele foram apodrecendo e ficando só caco. Um dia, quando amanheceu, a mãe dele foi até a rede dele e viu que ele havia se transformado num imenso tamanduá. O tamanduá não precisa de dente, pois ele só come formiga. Então, a mãe dele chorou muito e pediu para Deus não deixar o filho dela ir morar na mata. A mata se compadeceu e devolveu o filho dela. O tamanduá virou menino de novo. Nunca mais ele enganou a mãe dele".

Criança 10. (novo depoimento): A maior fera do rio é o jacaré. To mundo sabe que ele é nosso inimigo. Ele come tudo. Pode ser mulher, homem, criança, peixe ou cachorro. Eu ouvi que, uma vez, eram duas irmãs. Deveriam ser unidas, mas uma delas era invejosa, pois não se contentava com o que tinha; sempre queria as coisas da irmã dela. Um dia, o povoado fez uma festa e as duas conheceram um rapaz muito bonito e educado. A irmã invejosa, que era mais velha, ficou apaixonada por ele, mas o rapaz preferiu ficar com a irmã mais nova. E, a partir daí, ficaram namorando. A irmã mais velha ficou com muita raiva e inveja. Por isso, ela pensou num jeito de tirar a irmã de perto. No final da tarde, quando elas estavam vindo, só as duas, na canoa, a irmã invejosa empurrou a outra no rio. A moça tentou nadar, mas não conseguiu, pois o rio se apaixonou por ela. Quando a malvada chegou a casa, começou a chorar, dizendo que a irmã tinha se jogado no rio e afogado. A mãe delas chorou muito, mas desconfiou. Pois mãe conhece quando o filho está mentindo. Conhece mesmo! Aí, a irmã invejosa disse, para que todos acreditassem: "se eu estiver mentindo, quero que a maior fera do rio me devore!". Todos se calaram. Dois dias depois, quando ela estava tomando banho no rio, apareceu um imenso jacaré e a arrastou para o fundo das

águas. Nenhum irmão deve invejar outro irmão e nem mentir para a sua mãe. Isso é pecado.

Criança 2. (novo depoimento): A senhora já viu um tamanduá? Pois a senhora sabia que o tamanduá, um dia, já foi criança? A mamãe sempre conta pra gente, lá em casa, que antes não existia esse bicho no mundo. Mas acontece que existia um menino, do nosso tamanho, que não gostava de cortar as unhas e menos ainda lavar a mão. A unha dele cresceu, cresceu que chegou a enrolar. Então, um dia, quando a mãe acordou e foi até a rede dele, só viu aquele bicho peludo e com garras imensas. Pegou a vassoura e bateu nele. O bicho gritava e correu para se esconder na mata. A mãe do menino chorou e pensou que o bicho havia comido seu filho. De tristeza, vendeu tudo e foi embora para outras terras. O tamanduá tentou avisar a mamãe e pedir ajuda, mas agora ele era bicho e não sabia falar a fala de gente.

Ao se ouvir essas narrativas, pode-se perceber que o tema implícito nessas histórias, como o respeito pela natureza, a obediência aos pais e o medo pelo desconhecido são elementos predominantes na vida da criança ribeirinha.

As histórias que contamos e as quais ouvimos modelam o significado e a estrutura das nossas vidas, em todos os seus estágios. Histórias e narrativas, pessoais e de ficção, encha a nossa vida de significado e de pertença. Elas ligam-nos as nossas próprias histórias providenciando-nos uma tapeçaria rica em desafios de tempo, lugar e conselho no que poderíamos fazer com as nossas vidas. (WITHERELL & NODDINGS, 1991).

O mito de que a natureza tem a capacidade de se vingar, imediatamente, frente à má conduta humana, à quebra da harmonia do universo, remete aos mesmos princípios que substanciam a mitologia dos antigos gregos, a qual estrutura-se no fundamento de que o homem não pode e nem deve questionar as leis divinas.

Mas há muito o homem quebrou esses paradigmas e cada vez mais é consciente de que, apesar da necessidade de sentir-se um ser racional, admite um outro lado, que lhe permite sonhar, imaginar, independentemente de sua racionalidade.

E como se pode definir o imaginário?

Apesar de ser algo simples de se fazer, acredita-se, em contrapartida, ser quase impossível (pelo menos até o momento) encontrar uma exata resposta para tal definição. Entretanto, pode-se dizer que o imaginário é algo anterior ao pensamento; capaz de acontecer independentemente de regras ou racionalidade.

Segundo Ruiz (2004),

O imaginário é, por natureza, indeterminação radical. Ele flui como uma força incontrolada e incontrolável dentro do ser humano e da sociedade. O imaginário não está definido por nenhum tipo de determinação, por isso se constitui como força criadora que emerge do sem-fundo humano e da sociedade [...].

Entretanto, necessário se faz compreender que embora o logos e a vida se confrontem, não se pode ver esse confronto através da nulidade de um sobre o outro, onde o ponto de partida para tal compreensão seja o de que a racionalidade para existir tenha que diminuir a existência do símbolo, ou, por outro lado, que este, por sua vez, não diminui ou anula a existência do raciocínio. Eles, simplesmente, confrontam-se numa espécie de tensão onde um é necessário ao outro.

Para Durand (1997), “o imaginário é o conjunto de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo-sapiens. E esse capital pensado pelo homem, se constitui no seu capital cultural, englobando todos os elementos que fazem parte de sua cultura”.

O povo das águas negras, nesse sentido, vive seu imaginário rodeado pelas representações imagísticas, criadas a partir de certos componentes fantásticos que, por sua vez, encontram-se atrelados a sua cultura amazônica e são imortalizados através da linguagem oral (narrativas).

Para Bettenheim (1980), “[...] a forma simbólica sob a qual são apresentadas as situações permite ao ouvinte, ou ao leitor, sentir-se implicado, não deixando por isso de manter as suas distâncias”.

Dessa forma, um dos fatores benéficos das narrativas encontra-se, exatamente, no exercício da memória. Pois, o interesse do ouvinte, pela narrativa, motiva sua memorização concernente aos elementos e alguns detalhes que, de alguma forma, podem lhe produzir satisfação.

E o interessante, vale ressaltar, é que tal sentimento aprazível pode ser sentido todas as vezes que a mesma história for narrada.

Segundo Dohme (2003),

[...] uma das maiores preocupações dos professores e até mesmo dos pais é de formar um homem e uma mulher que sejam críticos, que tenham capacidade de analisar o que está de acordo com seus princípios e o que não está, e de tomar decisões de acordo com as suas próprias convicções.

Num contexto pedagógico, é facilmente perceptível a compreensão de que as histórias e as brincadeiras são ótimos veículos de transmissão de valores morais. As narrativas favorecem a imaginação de contextos abstratos e que, por sua vez, são, geralmente, difíceis de ser trabalhados isoladamente.

Assim, as histórias narradas às crianças ribeirinhas são significativas porque fazem parte do mundo dos arquétipos, possuem elementos míticos e simbólicos. E, por isso mesmo, proporcionam uma riqueza de caminhos e respostas ao universo infantil.

Os contos, portanto, possibilitam a essas crianças assumirem e compreenderem o real através da cultura do imaginário; pois, é através das narrativas que elas se familiarizam com a compreensão de que para tudo existe um início, meio e fim, e a existência do fator tempo, embora não sendo o seu próprio, já que este é um tempo imaginário.

As histórias infantis, por conseguinte, apresentadas de forma oral é o primeiro contato que as crianças da escola São José possuem com o texto propriamente dito.

Elas ainda não dominam a leitura da palavra escrita, mas podem vislumbrar, imaginar, criar e recriar a partir do que ouvem e percebem. Daí a importância de elas ouvirem diversas vezes a mesma história.

Essa contagem e recontagem de histórias ganham maior relevância pedagógica quando se compreende e se percebe que, através de seu conteúdo, as crianças oportunizam e se deleitam com os mistérios que a vida ribeirinha pode lhes proporcionar, libertas da preocupação acerca do que podem, ou não, ser aprovadas pelos conceitos dos adultos.

Através da interação existente entre a criança e os contos infantis, os conceitos de bem e mal, generosidade, solidariedade, causa e consequência, verdade e mentira, são trabalhados de forma mais eficazmente; além de despertar o senso crítico e a reflexão entre o fazer certo e o fazer errado.

Entretanto, vale esclarecer que apesar do teor pedagógico, o verdadeiro objetivo da literatura é o de promover satisfação prazer.

É através deles que o encantamento infantil se preserva e a curiosidade se fortalece. Por isso, é no ambiente da sala de aula a criança, na maioria das vezes, tem seu primeiro contato com o texto literário infantil. Segundo os postulados de Vygotsky (1996), a imaginação apresenta-se como o ponto principal para o acontecer da atividade criativa, se manifestando, por conseguinte, por todos os aspectos da vida sócio-culturais da criança.

Nesse sentido, de acordo com a teoria sartreana, o imaginário é uma função da consciência, criando imagens, considerando o que o indivíduo estabelece como algo verdadeiro e possível de assim o ser.

O indivíduo, ao criar essas imagens, mergulha em um processo mágico, misterioso, embora totalmente intencional.

Nesse sentido, ao trabalhar as narrativas infantis, em sala de aula, o professor precisa perceber que a essência dessas histórias se encontra na abstração de conceitos formadores de caráter, não podendo esquecer que a formação moral infantil acontece, exatamente, quando a criança é capaz de refletir sobre essas próprias histórias, identificando as personagens através de suas respectivas atitudes, além de fazer uma ponte reflexiva entre o seu modo próprio de pensar e o seu agir no mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossas conversas, as crianças expuseram que se não existisse o rio não existiriam as pessoas, e se não existisse a floresta, não existiria mais nada.

Entretanto, a beleza do lugar oculta o perigo eminente. O negrume do rio, além de encantar, assusta. Se no período da vazante ele presenteia o ribeirão com a terra fértil e a beleza natural, o rio, assombrosamente, durante a cheia engole parte da floresta e as casas do povo local.

Durante esta, todos dormem preocupados. As águas sobem com uma rapidez surpreendente e invadem as casas, sem pedir licença ou aviso prévio. Segundo palavras de um morador "o medo maior começa ao entardecer e só deixa a gente quando amanhece".

Além da subida das águas, o temor advém de sua força quando provocadas pelos navios petroleiros e as grandes embarcações que, tal qual um imenso chicote, açoita o rio, fazendo-o revoltar-se e investir impiedosamente contra as pequenas casas e o barranco indefeso.

Essa grande e fatal revolta vem através do banheiro; não tendo, portanto, hora marcada para acontecer. Por conta disso, na escuridão da noite, vale salientar, tudo se torna mais difícil e perigoso. Para as crianças, indiferentes a toda essa realidade, o que realmente a preocupa é o que ela não pode ver na escuridão da mata e no som do banheiro por baixo do assoalho da casa.

Mas, apesar disso, para elas, a brincadeira do dia seguinte é banhar-se às margens do rio e, magicamente, transformar as copas das árvores em encantadores trampolins. O medo da noite anterior é dissolvido na sensação do prazer.

Nesses momentos, puramente lúdicos, suas gargalhadas e gritos de satisfação ecoam pelo rio. A criança ribeirinha entende que brincar é essencial. Criar situações que promovam o prazer é o objetivo de todos os dias.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In.: Brasil/MEC/SEB. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão

da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauhamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia R. Nascimento – Brasília: MEC, 2006.

Cunha, M. I. da. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista Faculdade de Educação. São Paulo, v. 23, n. 01-02, janeiro, 1997.

DOHME, Vania D'Angelo. Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

FORTUNA, Tânia R. A brincadeira na inclusão social. Revista Pátio – Educação Infantil, Ano VI, n.16, mar/jun, p. 14-17, 2008.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GARRIDO, Joan del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.13, n. 25/26, agosto, 1993.

HOFFMAN, Martin. Power assertion by the parent and its impact n the child. Child Development, v. 31, p. 129 – 143, 1960.

MORAES, Nilson Alves de. Memória e mundialização. In.: LEMO, Maria T. Brites. (Org). Identidade e representação. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasil, MEC, 2002.

RESSURREIÇÃO, J. B. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação. FACOSCAD. Faculdade Cenecista de Osório. FACOS/RS, 2005.

RODRIGUES, Luzia Maria. A criança e o brincar. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ROZA, 1993.

RUIZ, Bartolomé Castor. Da imaginação descartável ao imaginário radical. <http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/imagens>, 2013.

_____. Os paradoxos do imaginário. RS: Unisinos, 2004.

SANTANA, Marcelo da Fonseca; CARLOS, Erenildo João. Regularidades e dispersões no discurso da aprendizagem significativa em David Ausubell e Paulo Freire (Regularities na dispersions in the discourse of the me aningful learning in David Ausubel and Paulo Freire). Aprendizagem Significativa em Revista / Meaninggul Learning Review – v.3 (1), p. 12 - 22, 2013.

WITHERRELL, C.; NORDINGS, N. Stories lives tell. New York: Teachers College Press, 1991.